

## MACHADO DE ASSIS E SÍLVIO ROMERO: ENTRE O TÁCITO E O EXPLÍCITO

Thamires Regina Antunes Gonçalves (UERJ)<sup>1</sup>

**Resumo:** Sílvio Romero foi um importante crítico no século XIX, nasceu em Sergipe, em 1851, e dedicou muitas páginas a estudos sobre a obra de Machado de Assis, tornando-se seu crítico mais mordaz. Em *Outros estudos de Literatura Contemporânea*, publicado em 1905, dedicou um capítulo a análise das *Poesias Completas*, publicada por Machado de Assis em 1901. No entanto, sua análise de mais fôlego foi a obra intitulada *Machado de Assis*, publicada em 1897, em que apresenta um longo estudo comparativo da obra machadiana. O objetivo do presente trabalho é apresentar as ideias de Romero a respeito de seu contemporâneo, contrapondo-as ao tácito comportamento de Machado de Assis em relação aos ataques do crítico sergipano.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira; Crítica Literária; Polêmicas Intelectuais.

### Introdução

Como se sabe, Machado de Assis não foi o tipo de intelectual dado a envolver-se em polêmicas de qualquer tipo. Ao contrário, era conhecido justamente por não responder a nenhuma provocação diretamente. O bruxo do Cosme Velho era um adepto do silêncio. Poucos foram os que se atreveram a questionar ou atacar diretamente o autor de *Dom Casmurro*. O crítico mais ferrenho de Machado de Assis foi Sílvio Romero.

Sílvio Romero foi um importante crítico no século XIX, nasceu em Sergipe, em 1851 e cursou a Faculdade de Direito de Recife. Durante sua carreira como crítico literário, dedicou muitas páginas a estudos sobre a obra de Machado de Assis, tornando-se seu crítico mais mordaz.

Este artigo inicia com a exposição da crítica publicada por Romero em *Outros Estudos de Literatura Contemporânea*, em que dedica um capítulo inteiro a analisar as *Poesias Completas*, de 1901. Nestas poucas páginas é possível observar o tom da crítica e o estilo de Romero.

Em seguida, é apresentado o estudo mais longo de Romero sobre a obra machadiana. Intitulado *Machado de Assis*, Romero percorre todas as publicações de

---

<sup>1</sup>Graduada em Letras (UERJ), Mestre em Literatura Brasileira (UERJ). Contato: thamiresgoncalves2@hotmail.com.



Machado, numa tentativa de comparar a autor a outros escritores contemporâneos, mas com especial destaque para Tobias Barreto.<sup>2</sup>

Ao fim, é apresentada uma breve explicação que pretende justificar o comportamento do crítico sergipano e, por consequência, o *modus operandi* machadiano.

### **Um poeta medíocre**

Em *Outros Estudos de Literatura Contemporânea*, publicado em 1905, Sílvio Romero dedicou um capítulo à análise das *Poesias Completas* publicadas por Machado de Assis em 1901. Embora Sílvio Romero inicie afirmando que Machado é o mais afortunado representante de nossa literatura, o mais celebrado, o mais querido, completa afirmando que “o célebre escritor não é tudo quanto dele tem dito a musa da admiração” (ROMERO, 1906, p. 7). Este é, pois, o tom de toda a crítica publicada por Romero sobre Machado de Assis. Para Sílvio Romero:

A vasta obra de exageração de seu merecimento real tem sido um trabalho produzido por certo grupo de retirantes literários que nos derradeiros três decênios têm vindo, de vários pontos do país, a estas plagas tentar fortuna.

Eles é que, por diplomática habilidade, levantaram sobre os ombros o inigualável mérito, o incalculável valor do mestre, no intuito, consciente ou inconsciente, de aproveitarem também o brilho de alguns dos raios do grande astro. E uma ação reflexa da psicologia dos grupos, hoje perfeitamente tirada a limpo pelos competentes. (ROMERO, 1905, p. 8)

Romero é, portanto, bastante claro ao afirmar que Machado de Assis só alcançou sucesso e reconhecimento porque os integrantes do campo literário o colocaram lá propositadamente, com o fim de retirar de sua posição vantagens próprias. Seus argumentos giram em torno da incapacidade de Machado em progredir como poeta, que, para Sílvio Romero, é pobre no vocabulário, ruim na descrição de paisagens, possuidor de pouca imaginação e improficiente ao descrever paixões e emotividade.

Sobre a qualidade das poesias machadianas, Romero afirma:

[...] em flagrante se tem a prova da pouca variedade de suas tintas, da pequena riqueza de seu vocabulário, da pouca nitidez de sua paisagem, dos parcos limites de sua imaginativa, do pouco ardor de

---

<sup>2</sup> Tobias Barreto nasceu em Lagarto, Recife. Foi filósofo, poeta crítico e jurista. Fundou o movimento intelectual “Escola de Recife”, no qual participaram Graça Aranha, Capistrano de Abreu, Urbano Duarte e, é claro, Sílvio Romero.

sua emotividade, dos poucos recursos de seu estro em suma. (ROMERO, 1906, p. 8)

E completa mais adiante: “[...] é sempre o mesmo tom, a mesma falha de emoção, os mesmos processos, os mesmos *tics*, tudo realçado pela mesma e geral correção da fôrma”. (ROMERO, 1906, p. 9)

O descontentamento do crítico é tamanho que afirma que a melhor parte das *Poesias Completas* são as traduções que Machado fez e ali publicou. Diz o crítico:

Por isso, as melhores peças da coleção são as traduzidas: *O Corvo*, de Edgar Põe, apesar de seus quarenta e sete ‘*quês*’; *O Canto XXV do Purgatório*, de Dante, a despeito de quarenta e seis ‘*idens*’; *Os animaes iscados de peste*, de La Fontaine, máo grado, dezoito ‘*idens*’; *To be or not to be*, de Shakespeare, não obstante sete ‘*idens*’. Falo nisto, entre parêntesis, por ser o poeta proclamado um dos mais corretos senão o mais correto do Brasil, e não seria muito exigir dele um uso mais moderado daquela partícula. (ROMERO, 1906, p. 9)

Para Romero, esta inabilidade se deve ao fato de Machado de Assis ter se formado enquanto escritor num período de decadência da literatura brasileira. Este período de floração, segundo Romero, ocorreu no decênio de 1854 a 1864. Segundo o crítico, um poeta produz de acordo com seu período de constituição enquanto homem de letras. Se Machado de Assis o fez num momento de escassez literária e política, sua produção só pode ser recheada de marasmo e falta de cor, atribuindo a isto a falta de paixão e finura pela forma tão presentes nas poesias machadianas.

### **Um prosador indigesto, enfadonho e monótono**

Este não foi, como dito, o único estudo de Romero sobre o autor de *Dom Casmurro*. Sua análise de mais fôlego é a obra intitulada *Machado de Assis*, publicada em 1897.

Neste livro, Romero faz um estudo comparativo do autor, tratando sobre sua obra completa, estilo, humorismo e/ou *espirit*, pessimismo e nacionalismo. Chama atenção nessa obra o fato de ela ser dedicada a Tobias Barreto. Na edição da Laemmert, de 1897, se lê a seguinte dedicatória: “Tobias Barreto, nosso maior amigo da escola de Recife”

Sívio Romero publica um volume de 351 páginas sobre Machado de Assis, mas dedicado a Tobias Barreto e a outros três amigos da Escola de Recife, Arthur Orlando,



Clóvis Bevilacqua e Martins Junior. A dedicatória dá o tom da análise e da intenção de Romero: colocar em evidência Tobias Barreto e, em consequência, a Escola de Recife.

A intenção fica ainda mais clara ao longo da argumentação, que tem Tobias Barreto como o contraponto de Machado de Assis. Embora, durante o livro, Sílvio Romero faça menções a outros autores, a argumentação sempre gira em torno de Machado e Tobias Barreto.

Hora de aprofundar a exposição de Sílvio Romero.

O livro inicia com o crítico sergipano mais uma vez contextualizando o papel de Machado no cenário literário como o mais celebrado escritor brasileiro. Em seguida, lança a seguinte questão: “terão sempre sido sinceros os elogios de que o cumularam? Não haverá neles uma parte qualquer, por pequena que seja, filha do capricho e da moda?” (ROMERO, 1897, p. 4).

A resposta vem logo em seguida. Romero afirma que Machado foi afortunado no começo de sua carreira e conquistou parcerias que o ajudaram a progredir e ascender nas letras. Para endossar seu argumento, o crítico afirma que Machado de Assis nada publicou de bom até os 30 anos. E ainda atribuiu a isto o fato de Machado de Assis não possuir diploma. Diz Romero sobre Machado:

Não sendo portador de pergaminho, que lhe abrisse a senda de qualquer profissão liberal, como a medicina, a advocacia, a engenharia ou qualquer outra ao jeito da magistratura, da diplomacia, do alto magistério, o nosso romancista atirou-se ao funcionalismo público de ordem administrativa, a princípio no *Diário Oficial* e mais tarde na Secretaria da Agricultura e Obras Públicas, onde hoje é o chefe de uma das diretorias.

Vida plácida, metódica, sem nada que jamais denunciasses qualquer desvio de Bohemia; mediania risonha, enaltecida pela nobreza de sua senhora, inteligente dama portuguesa, irmã do poeta Faustino Xavier de Novaes, que residiu e faleceu no Rio de Janeiro, como é sabido, e foi um dos bons camaradas do *contem* fluminense, eis a posição de Machado de Assis. (ROMERO, 1897, p. 12)

Para crítico, é a índole e o temperamento de Machado de Assis que ditam os caminhos que sua obra percorreu. Quanto às poesias, afirma que *Crisálidas*, *Falenas* e *Americanas* são “pálidas, frias e incolores” (1897, p. 20). E arremata afirmando que, se fossem Tobias Barreto ou ele a publicá-las, teriam sido enxovalhados, enquanto Machado foi galardoado. Para Sílvio Romero, havia uma “conspiração do silêncio da



crítica fluminense” (ROMERO, 1897, p. 42) com Tobias Barreto e, conseqüentemente, com a Escola de Recife. Seria ele quem a quebraria: eis o objetivo oculto de sua publicação.

Iniciando pela poesia, destaca o movimento criado por Tobias Barreto, juntamente com Castro Alves, em 1870, ano de publicação de *Falenas*. Para Romero, os avanços lançados pela Escola de Recife não foram valorizados. Nas palavras do crítico: “Era um progresso irrecusavelmente no fundo e na fôrma, tinha apenas um defeito: não era cousa nascida na freguesia da Candelária, a ser papagueada pelos *blasés* da rua do Ouvidor...” (ROMERO, 1897, p. 27) E arremata da seguinte forma:

Meu sentimento de justiça e probidade literária revoltou-se e decidi-me a abrir a campanha de reabilitação em que venci. Sim, venci; porque hoje, quer queiram quer não, os factos foram corrigidos e o lugar foi entregue a quem de direito. O caso era este: notei que durante dezoito anos (1862—1880) Tobias Barreto, depois de uma extensa fase poética, que abria uma nova escola, depois de uma vasta fase crítica e filosófica, que iniciara outra, continuava obscuro e desprezado n'uma pequena aldeia do norte, ao passo que muitos e muitos senhores, de mérito uns, sem merecimento outros, que o conheciam perfeita amente, que lhe contavam lerias e faziam barretadas em Pernambuco, durante o período acadêmico e depois deste, transportavam-se para o Rio de Janeiro, onde vinham mourejar e fazer nome nas letras, falavam de tudo e de todos; porém no *demônio*, no *monstro* da Escada... nada! Nem palavra. (ROMERO, 1897, p. 43)

Sobre o estilo machadiano, Romero diz que lhe falta colorido, força imaginativa para representação e vocabulário. Sendo a correção gramatical e a singeleza da forma seus principais atributos. Em suas palavras:

O estilo de Machado de Assis, sem ter grande originalidade, sem ser notado por um forte cunho pessoal, é a fotografia exata do seu espirito, de sua índole psicológica indecisa. Correto e maneiroso, não é vivace, nem rutilo, nem grandioso, nem eloquente. E' plácido e igual, uniforme e compassado. Sente-se que o autor não dispõe profusamente, espontaneamente do vocabulário e da frase. Vê-se que ele apalpa e tropeça, que sofre de uma perturbação qualquer nos órgãos da palavra. Ente-se o esforço, a luta. “ Ele gagueja no estilo, na palavra escrita, como fazem outros na palavra falada”, disse-me uma vez não sei que desabusado n'um momento d'expansão, sem reparar talvez que me dava d'estar-te uma verdadeira e admirável notação crítica.



Realmente, Machado de Assis repisa, repete, torce, retorçe tanto suas ideias e as palavras que as vestem, que deixa-nos a impressão d'um perpetuo tartamudear. (ROMERO, 1897, p. 82-83)

Para Romero, embora considere Machado de Assis notável prosador, o é por sua correção, simplicidade e habilidade em fazer comparações. Uma frase de Romero conclui seu pensamento: “Em prosa, falada ou escrita, asseguro, no estilo fluente, imaginoso, poético, e no gracioso e humorístico, Machado de Assis não é superior a Tobias Barreto, é-lhe quase sempre inferior.” (ROMERO, 1897, p. 95)

Ainda sobre o estilo machadiano, Sílvio Romero afirma que Machado é um escritor orgulhoso de sua pena, que gosta de mostrar seu *savoir faire*: “A sua arte não se disfarça, não se vela: ao contrário, sabe ostentar-se, gosta de se exhibir.” (ROMERO, 1897, p. 107) A este estilo peculiar, Romero atribui duas fases, a primeira com as publicações de *Iaiá Garcia* e *Helena* são tidas como superiores a segunda, com *Quincas Borba* e *Memórias Póstumas*. Isto porque, para Romero, o estilo indigesto de Machado de Assis é característico desta segunda fase, tão cheia de artifícios que se torna enfadonha e monótona. A primeira fase, ao contrário, não é intencional, destacando-se por sua espontaneidade e estilo corrente.

Mas nem só de críticas negativas vive Romero, ele destaca também a habilidade de Machado de Assis com descrições. Dedicando, inclusive, seu último capítulo a estudar os tipos criados por Machado ao longo dos anos. Segundo Romero, as melhores passagens de Machado de Assis são quando se dedicou a descrever costumes e hábitos da sociedade.

Ainda alfineta a crítica que desrespeita o autor de *Dom Casmurro*, sentenciando que deveriam adquirir “mais largueza de ânimo e um pouco mais de estudo” (ROMERO, 1897, p. 116). Arremata afirmando que Machado de Assis não os responde propriamente por medo de ser excluído do que chamou de “panelinha” e “política dinástica em literatura”.

Isto, todavia, só reforça o argumento anteriormente defendido, em que se afirmou que foram justamente estas relações bem alicerçadas de Machado de Assis que permitiram que ele se inserisse e permanecesse no campo literário.

Adiante, Sílvio Romero disserta sobre o desencanto em Machado de Assis. Segundo o crítico, a partir da década de 1870, a Escola de Recife tentava inovar com



estudos sobre filosofia, literatura, história, crítica e ciências. E o fez. Mas, com o fim do romantismo, tempos de desgosto e crise se instalaram no Brasil. Segundo ele, houve um grupo de românticos que não aceitou esse “renovamento do pensar nacional” e se mostraram displicentes, irônicos, amuados, desgostosos, rebuscados e pessimistas. Neste grupo, encontrava-se Machado de Assis. Portanto, o pessimismo em Machado de Assis é proposital e fruto de sua índole e comportamento social.

Sobre o célebre autor fluminense, Sílvio Romero ainda estuda sobre o humorismo na obra do autor. Sobre o humorismo machadiano, disse o crítico:

O tão apregoado cultivo do *humour* no autor do *Iaiá Garcia* não é natural e espontâneo; é antes um resultado de uma aposta que o escritor pegou consigo mesmo; é um capricho, uma afetação, uma cousa feita segundo certas receitas e manipulações; é, para tudo dizer n'uma palavra, uma imitação, aliás pouco hábil, de vários autores ingleses. (ROMERO, 1897, p. 131)

Diz ainda que a nossa sociedade seria incapaz de reproduzir e compreender o *humour* que Machado importou dos ingleses. Segundo Romero, o verdadeiro autor humorístico seria capaz de reproduzir sensações e ideias sob a forma de sentimentos. No entanto, Machado de Assis seria incapaz de retratar tais paixões, para Romero, Machado era um portador de “hipertrofia da sensibilidade”.

Dando continuidade a seu estudo, Sílvio Romero se detém ao *espirit* machadiano, que na exposição de Romero é muito próximo ao humorismo, constitui-se “sem graça, contrafeito e desjeitoso”. Ou nas palavras do crítico sergipano:

Todos eles [exemplos sobre o *espirit* das obras machadianas] revelam a falta de espontaneidade da graça, da pilhéria, do *humour*, do espírito em Machado de Assis. Sente-se o esforço do escritor para ter chiste; vê-se que corre a cansar atrás dele e não o consegue pegar. Manifesta-se o trabalho inútil no arresado das palavras e na extravagância das imagens e das comparações. (ROMERO, 1897, p. 158)

Romero faz uma longa exposição, dando muitos exemplos do espírito machadiano, mas sem um estudo profundo. Ao fim, o que o único argumento que sustenta sua exposição é a ideia de que o *humour* inglês não é apreciado pelo público brasileiro.



Fazendo um paralelo com Tobias Barreto, Sílvio Romero defende a qualidade do que foi produzido na Escola de Recife, além de afirmar que o amigo era superior a Machado de Assis nesse quesito (também). Nas palavras do crítico sergipano:

Insisto, portanto, em afirmar o que me parece a verdade irrecusável e vou mostrar como o autor do apólogo — *O rei reina e não governa* — revelou sempre mais perfeitas qualidades de humorista do que o romancista de *Helena*. Antes de tudo, releva ponderar que n'aquela era cousa natural e incoercível que aparecia inesperadamente no meio dos assumptos mais sérios, das mais graves idas. Este é o sinal do verdadeiro humour. Era o mais das vezes tratando os mais sombrios problemas de religião, de filosofia, de direito, de política, de moral, de história literária, que o escritor sergipano dava a terrível gargalhada humorística. (ROMERO, 1897, p. 158)

Para Romero, os escritos da primeira fase machadiana possuíam mais qualidade humorística, pois eram mais espontâneos e sinceros. Com o passar dos anos, no entanto, a maneira de fazer rir torna-se pretenciosa, exibicionista, amaneirada e com pretensões infundadas ao horrível. (cf. ROMERO, 1897, p. 196)

É perceptível que Sílvio Romero não polpa palavras ao expor suas ideias acerca da obra de Machado de Assis.

Sobre o pessimismo presente nas obras, Romero afirma que ele se manifesta principalmente em *Quincas Borba* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. O crítico também o divide em dois: o primeiro, profundo e irredutível, presente em obras de Schopenhauer, Boudelaire, Flaubert e Byron; o segundo, sem raízes profundas, não manifesta crises emotivas e está presente em obras de Machado de Assis, Tobias Barreto e Voltaire.

Segundo Romero, há germens do pessimismo já em *Falenas*., mas novamente reiterando que no início da carreira todas essas características eram espontâneas, tendo se tornado “espetaculoso e afetado” ao longo do tempo.

Fazendo um paralelo entre Tobias Barreto e Machado de Assis, Sílvio Romero chega à conclusão que, enquanto Machado “não consegue plenamente o efeito de impressionar. Fica bem abaixo de Dostoievsky, Poe e até de Hoffmann” (ROMERO, 1897, p. 298). Em Tobias Barreto, no entanto, “existem páginas suas que são muito mais amargas do que todos os delírios de Cubas ou Borba ou Rubião juntos” (ROMERO, 1897, p. 300).



É claro o esforço de Sílvio Romero em dar destaque ao colega da Escola de Recife. Para Romero, a crítica não deu o devido valor a Tobias Barreto e ao que era produzido na Escola de Recife. Além disso, seu ressentimento com Machado de Assis é latente. Para Romero, enquanto Machado lançava “aquela cousa insignificante chamada *A mão e a luva*” (ROMERO, 1987, p. 308), Tobias Barreto publicava artigos sobre Schopenhauer e Hartman.

### **Afinal, por que tanta polêmica?**

O empenho de Sílvio Romero em criticar negativamente Machado de Assis é inegável. Para compreender suas razões, é preciso retroceder alguns anos, mais precisamente ao fim da década de 1870.

Tudo começa com a publicação de *A nova geração*, em dezembro de 1879, na *Revista Brasileira*. Neste texto, Machado de Assis apresenta um estudo das produções de treze poetas contemporâneos, chamando-os “Nova Geração”. Para Machado, esses poetas fazem parte de um movimento que procurava a descontinuidade das ideias do Romantismo, uma espécie de transição para uma nova escola que ainda se desenhava, mas que segundo ele, é “uma tentativa de poesia nova – uma expressão incompleta, difusa, transitiva, alguma coisa que, se ainda não é o futuro, já não é o passado”. (ASSIS, 2013, p. 489)

Um dos autores analisados por Machado de Assis foi Sílvio Romero. A crítica bastante dura de Machado foi sobre o livro de poemas *Cantos do fim do século*, publicado por Romero em 1878, pela *Typographia Fluminense*. A primeira parte de sua análise versava sobre o prólogo “A poesia hoje”, em que descontrói toda a ideia de Romero em um longo parágrafo. Segundo Machado de Assis, Sílvio Romero trata em seu prefácio de várias correntes que poderiam dar norte a poesia. São elas a Revolução, o positivismo, o socialismo, o romantismo e a metafísica idealista; para ao fim, afirmar que nenhuma delas daria conta de dar substância a poesia, cabendo esta tarefa a “uma nova intuição, mais vasta e mais segura”

Além de ter posto por terra as ideias de Romero em seu prefácio, Machado ainda faz observações sobre suas composições. O crítico afirma que, embora seus artigos de crítica parlamentar contivessem “observações engenhosas e exatas, faltava-lhe estilo”. Quanto às poesias, declara que *Cantos do fim do século* “não dão a conhecer um poeta”, faltando a obra o que chamou de “forma poética”. Completando mais adiante:



Um homem pode ter as mais elevadas ideias, as comoções mais fortes, e realçá-las todas por uma imaginação viva dará com isso uma excelente página de prosa, se souber escrevê-la; um trecho de grande ou maviosa poesia, se for poeta. O que é indispensável é que possua a forma em que se exprimir. Que o Sr. Romero tenha algumas ideias de poeta, não lhe negará a crítica; mas logo que a expressão não traduz as ideias, tanto importa não as ter absolutamente. (ASSIS, 2013, p. 516-517)

A crítica de Machado de Assis fica ainda mais incisiva ao afirmar que há no livro de Sílvio Romero uma luta entre o cérebro quer transmitir a ideia e a impossibilidade de transladá-la ao papel, “o que dá a impressão de um estrangeiro que apenas balbucia a língua nacional” (ASSIS, 2013, p. 517)

A crítica não se resume unicamente a poesia produzida por Sílvio Romero, Machado de Assis ainda fez considerações sobre o fato de Romero ter incluído uma resposta a uma crítica em seu prefácio a *Cantos do fim do século*, declarando que ele não sabia receber crítica de maneira positiva:

[...] criticados que se desfocam de críticas literárias com impropérios dão logo ideia de uma imensa mediocridade – ou de uma fatuidade sem freio – ou de ambas as coisas; e para lances tais é que o talento, quando verdadeiro e modesto, deve reservar o silêncio do desdém: Non ragonar di lor, ma guarda, e passa. (ASSIS, 2013, p. 517-518)

Como se pôde observar, as ponderações de Machado de Assis em relação a Sílvio Romero foram bastante duras. A resposta de Romero vem em 1897, em um longo estudo sobre a obra machadiana, intitulado *Machado de Assis*, que vimos anteriormente.

Deste estudo, ainda destaca-se um trecho do capítulo “Machado de Assis e sua fama”, em que Romero parece falar diretamente a Machado de Assis. Eis o fragmento:

Somos dois velhos, podemos palestrar sem procurar iludir um ao outro.

Não sei se Machado de Assis já terá observado uma coisa muito curiosa que se dá em nossos costumes literários. Com certeza há de tê-lo. Aqui no Brasil, aqui nos hábitos de nossa imprensa, há escritores que é de bom estilo, é da moda gabar sempre e *quand même* em público.

São elogiados *para inglês ver*.

O que não impede que em particular, em certas rodas, nas parlandices íntimas, digam-se deles coisas mais feias.

Outros existem, dos quais é do bom estilo, da moda, do bom gosto, tratar mal em público, dizer-lhes coisas desagradáveis nas colunas dos jornais, o que não priva que nas rodas íntimas, à mesa dos cafés e das



confeitarias, nas cavaqueações das lojas de livros, se diga muitas vezes mal deles... [...]

Quem nos garante não ter o nosso Machado de Assis o seu quinhão entre aqueles que é de bom estilo elogiar para inglês ver?

Neste particular sei de coisas que não podem aparecer num estudo de crítica sem o desfigurar numa espécie de bisbilhotice. (ROMERO, 2002, p. 123)

Como se vê, o espaço que Machado alcançou enquanto crítico o permitiram fazer toda sorte de comentários, mas este mesmo prestígio não o privou de adquirir algumas inimizades ao longo do caminho. A mais conhecida inimizade é sem dúvidas Sílvio Romero.

### **Considerações finais**

Sílvio Romero foi a única figura capaz de indispor-se com Machado de Assis. O crítico nunca teve receio de fazer análises negativas a respeito do colega carioca. No entanto, é preciso considerar que a atitude agressiva de Sílvio Romero, somada ao sepulcral silêncio machadiano, podem ter ajudado Machado de Assis a ocupar um posto cada vez mais central no campo literário.

Considerando que Machado não respondia às críticas de Romero, ele acaba por criar naturalmente (ou propositadamente) uma imagem de autor inabalável e, por conseguinte, uma horda de defensores prontos a tomar seu partido, como fez, por exemplo, Lafayette Rodrigues Pereira, à época do lançamento do polêmico livro sobre Machado de Assis, publicado por Romero.

### **Referências bibliográficas**

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. 4 volumes. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2015.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*; organização Sílvia Maria Azevedo, Adriana Dusilek, Daniela Mantarro Callipo. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

ROMERO, Sílvio. *Autores brasileiros*: (edição comemorativa) Sílvio Romero; organização Luiz Antonio Barreto. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002



\_\_\_\_\_. *Machado de Assis*. Estudo comparativo de Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1897.

\_\_\_\_\_. *Outros Estudos de Literatura Contemporânea*. Lisboa: Typographia da Editora, 1906.